

LIBRAS, LEXICOGRAFIA E MODA: REFLEXÕES E PROPOSTA DE VOCABULARIO ILUSTRADO TRILINGUE

Vivian Orsi*

Denise Cabral da Silva**

Resumo: Nesta pesquisa, com base no reconhecimento da língua de sinais como a língua gestual natural dos indivíduos surdos, propomos um estudo da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) ao criar um vocabulário ilustrado trilingue português (brasileiro)-LIBRAS-italiano, para ser um facilitador da aprendizagem e do processo comunicacional entre surdos italianos e brasileiros, além de interessados em moda e a pesquisadores. Neste artigo temos como arcabouço os pressupostos teóricos da Lexicologia, da Lexicografia, da LIBRAS e da Moda, buscando apresentar a LIBRAS, o universo da moda e sua relação com as línguas e com o léxico, o levantamento de itens lexicais relacionados ao vestuário feminino e masculino e a elaboração de um vocabulário constituído por verbetes que resultam do processo analítico envolvendo a LIBRAS, o português na variante brasileira e o italiano.

Palavras-chave: LIBRAS, lexicologia, lexicografia, moda.

Abstract: In this research, based on the recognition of the sign language as the natural sign language of deaf individuals, we aim to study the Brazilian Sign Language (LIBRAS) creating an illustrated trilingual fashion vocabulary Portuguese (Brazilian)-LIBRAS-Italian to be a facilitator of the learning and communication process between Italian and Brazilian deaf and between people interested in fashion and researchers. In this paper we have as a framework the theoretical assumptions of Lexicography and Lexicology, the LIBRAS and Fashion, trying to present the LIBRAS, the fashion universe and its relation with the language and the lexicon, the survey of lexical items related to female and male clothing and the development of a vocabulary consisting of entries resulting from the analytical process involving LIBRAS, the Portuguese, in the Brazilian variant, and the Italian languages.

Keywords: LIBRAS, lexicology, lexicography, fashion.

Introdução

*Vivian Orsi é pós-doutora pela UNITO (Università degli Studi di Torino, Itália) e é Professor Assistente Doutor no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –IBILCE, Universidade Estadual Paulista –UNESP, Departamento de Letras Modernas, campus de São José do Rio Preto, SP, Brasil. Atua nas áreas de Lexicologia, Lexicografia, Moda, Blogs de Moda e Língua Italiana, vivian@ibilce.unesp.br.

**Denise Cabral da Silva é aluna-pesquisadora (IBILCE/UNESP) do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação Português/Italiano, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –IBILCE, Universidade Estadual Paulista –UNESP, campus de São José do Rio Preto, SP, Brasil. Desenvolve projetos na área de LIBRAS, Lexicografia e Lexicologia, cabralden@terra.com.br.

Com base no reconhecimento da Língua de Sinais como a língua gestual natural dos indivíduos surdos, propomos um estudo partindo da reflexão sobre a Língua de Brasileira Sinais (LIBRAS) e da Língua Italiana de Sinais (LIS).

Os respaldos teóricos desta pesquisa estão apoiados nas ciências da Lexicologia (que analisa as unidades lexicais de uma ou várias línguas) e da Lexicografia (que põe em reflexão questões sobre a elaboração de obras lexicográficas).

Não podemos prescindir da abordagem da Tradução por propormos de uma obra lexicográfica que contemple as línguas portuguesa (brasileira), italiana e LIBRAS. Para isso recorreremos aos dicionários Benedetti (2002), Zingarelli (2012) e Capovilla et al. (2009), além da internet. Por fim e de extrema importância, fizemos um levantamento histórico da LIBRAS, incluindo sua situação atual e seu tratamento em obras de consulta, tendo como referência o dicionário de Capovilla et al. (2009), que se destaca por ter sido elaborado com intensa pesquisa com surdos de vários estados brasileiros, com 9.828 sinais registrados. Ademais, o *Novo Deit-Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA et al., 2009) apresenta as formas e o significado dos sinais por meio de ilustrações, descrição fonológica, morfológica, icônica, escrita em *SignWriting*, variações nas regiões geográficas do Brasil, descrição de verbetes indexados em português e inglês, com contextos-exemplo (COSTA; NASCIMENTO, 2015).

Discussão

Em nossa proposta lexicográfica colocamos em evidência o vocabulário da moda pelo fato de que essa área se firma em um processo que se articula no tempo, composto pelas diversas “modas” que se sucedem. A moda mostra, comunica o próprio ser e aquilo que se pensa do mundo.

Para Barthes (2006), o jeito de se vestir assim como o jeito de falar está intrinsecamente conectado ao meio em que vivem os indivíduos. Neste quesito, a moda pode expressar mais rapidamente do que a língua, pois cria, recria e recupera dados históricos num processo muito mais acelerado. Essas relações entre léxico, indivíduo, moda e meio são carregadas de particularidades culturais, o que vale dizer que as manifestações culturais são norteadas e diversificadas segundo as peculiaridades das visões de mundo.

A reflexão sobre o manifestar da comunicação na moda se mostra um importante estudo interdisciplinar e histórico, visto que várias áreas de conhecimento – como, por

exemplo, a sociologia, a literatura, a arte, entre outras – fazem uso da moda sob distintos temas e métodos. Palomino (2010) refere-se à moda como um sistema que acompanha o vestuário e o tempo que integra o simples uso das roupas no dia a dia a um contexto maior, político, social, sociológico. Moda é muito mais do que roupa.

Assim, ainda se perpetua o que disse Barthes (2006, p. 25) há algumas décadas acerca da roupa – e, conseqüentemente, da moda: ela (elas) encerra(m) um fenômeno completo, cujo estudo abrange uma história, uma economia, uma etnologia, uma tecnologia e também uma linguística.

Isto posto, inferimos que a moda também é forte expressão linguística, pois está ligada aos indivíduos que se relacionam socialmente e partilham suas culturas e, desse modo, a moda se renova, inova e conta o tempo.

No que se refere a essa força da comunicação e indo além da moda, é ainda de suma importância compreender o conceito de Língua. O item léxico “Língua”, conforme a relevância para essa pesquisa, é definível, segundo Reily (2004, p. 114), da seguinte maneira: ‘uma junção de convenções que nos permite a integração social e a apropriação de determinada ‘visão de mundo’ (ligada ao *habitus*/cultura).

Os seres humanos, desde o nascimento, se veem diante da inevitável necessidade de se expressar, seja por questões físicas, psíquicas, interacionais, situacionais e/ou sociais. Seja bebê, criança ou adulto, ouvinte ou até mesmo surdo, todos nós humanos possuímos certo ‘anseio’ expressivo. E, por consequência dessas carências comunicativas, desde muito pequenos nós nos afirmamos como indivíduos e passamos a buscar, (in)conscientemente, um meio de expressão que torne a comunicação eficaz.

Ainda a respeito da nossa capacidade expressiva,

[...] quando nasce a necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada. (GALEANO, 2005, p. 15-16)

É em meio a essa forte busca expressiva que o sujeito se depara com os benefícios de aceitar e se apropriar do uso de determinada língua, pois nela encontra inúmeras possibilidades de construções significativas carregadas de experiências pessoais e/ou coletivas. Podemos inferir assim que a base da comunicação é a interação, ou seja, ela só se

estabelece a partir do instante em que o locutor é compreendido pelo interlocutor. É a língua um dos responsáveis por facilitar e possibilitar esses processos de interação.

Lembramos que é vista dentro da Linguística como um elemento de comunicação social. Mas, para Ullmann (1964, p.265), ela “não é apenas um veículo de comunicação: é também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros”. Podemos argumentar que a língua é um fenômeno social, pois é produzida em sociedade e é determinada socialmente; ademais, é um importante símbolo da identidade de um grupo. É por meio dela, enfim, que um indivíduo adquire a cultura do meio em que vive. Segundo Carvalho (2007), conhecer uma cultura seria precisamente conhecer uma língua e descrever uma cultura seria a descrição de uma língua, o que resume a hipótese de Sapir-Whorf sobre a existência simultânea e condicionada de ambas. Em virtude disso, pode-se estabelecer que cada língua representa uma cultura e, portanto, uma visão particular de mundo. Por essa razão, a língua faz parte da história de um grupo social e é expressa por palavras que formam o sistema lexical de um idioma e, conseqüentemente, de um povo.

Cada língua se mostra de maneira diferente no que se refere à apropriação do léxico e à manifestação da linguagem. Para Zavaglia (2002, p. 233), “é o léxico que transmite os elementos de um conjunto de indivíduos; [...] é o léxico que permite a manifestação dos sentidos humanos, de suas afeições ou desgostos.” À vista disso, não é possível estudar o léxico de uma língua sem estudar a história de seus falantes. Por isto, é fundamental para os estudos lexicológicos a análise do léxico, pois possibilita a aquisição de conhecimentos históricos, comportamentais e habituais de determinado povo. E, como mencionado anteriormente, a ciência que estuda as unidades lexicais é denominada como Lexicologia.

Para Biderman (1998), é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. O valor de uma palavra dentro do sistema emana da complexa rede de significações que se tece no interior do léxico de uma língua. Para a autora, o léxico é o “tesouro vocabular armazenado na memória de um indivíduo”, que é ativado para sua expressão ou comunicação. Todavia, ressaltamos que não se pode igualar o modo de manifestação do léxico em uma língua oral com aquele de uma língua de modalidade visogestual. E é pensando na comunicação que inserimos nossa pesquisa, voltando nosso olhar à moda e seu léxico, englobando a manifestação visual e gestual da LIBRAS, utilizada na comunicação com e/ou entre os surdos.

Língua de Sinais

Até meados do século XX, os surdos-mudos (como eram chamados os indivíduos portadores da surdez) eram ‘incapazes’ de se comunicar e/ou expressar, logo sujeitos sem língua, por isso, taxados como não pensantes. Tal afirmação negligenciava a condição de comunicação inata, por meio dos sinais, de pessoas surdas.

O surgimento da LIBRAS, reconhecida atualmente como a Língua Brasileira de Sinais oficial ocorreu por volta dos anos de 1870, tendo como figura fundamental para a constituição dessa Língua, segundo Sofiato e Reily (2011), o surdo Flausino José da Costa Gama, aluno do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pois ele produziu a primeira obra lexicográfica da Língua de Sinais Brasileira nomeada ‘A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos’, publicada em 1875. Ainda segundo Reily (2011), Flausino se inspirou no dicionário de Língua de Sinais do surdo francês Pierre Pélissierês.

A título de curiosidade e comparação, na Itália, os estudos sobre a LIS (*Lingua dei Segni Italiana*) começaram por volta dos anos de 1980 com a investigação sistemática, por meio do trabalho de pesquisadores do atual Instituto de Ciências Cognitivas. Com base em Mottinelli (2009), em sua publicação intitulada “Le lingue dei segni nel mondo”, na década de oitenta não era habitual utilizar o termo “Língua de Sinais”, pois acreditava que se tratava apenas de mimetismo. Apesar de que, ainda segundo Mottinelli (2009), a nomenclatura “Língua de Sinais” já havia sido encontrada em um texto de 1858, escrito por um surdo italiano, James Carbonieri, contra as pretensões de um médico que havia argumentado que o surdo não devia fazer uso de sinais.

Em contraposição a esses ideais, com base em Gesser (2009, p. 33), em defesa do reconhecimento da Língua de Sinais, argumentamos que ela não é mímica (maneira de expressão improvisada), muito menos pantomima desregrada da língua oral.

Muito pelo contrário, a Língua de Sinais – LS – (não só a brasileira) é uma língua de modalidade viso-gestual independente de sistemas de línguas orais. A LIS tem construção sintática, semântica e morfológica própria da mesma, em que a unidade mínima para a construção de significado é composta pela combinação entre: movimentos, configurações de mão e de pontos de articulação, sendo assim, é um equívoco julgar a LS sob a ótica de línguas orais.

Caso não haja outra dificuldade além da perda auditiva, o surdo é completamente capaz de raciocinar, produzir enunciados, entender sobre os mesmos e interagir por meio da

LS. O surdo, se estimulado, desenvolve em sua totalidade tanto as competência linguísticas quanto as cognitivas, pois o que se depende da revisão da literatura a respeito é que as maiores dificuldades do surdo não estão vinculadas à capacidade intelectual, mas sim à aquisição da língua(gem), pois a sociedade, de modo geral, não tem se demonstrado apta para fazer o uso da LS e, por meio dessa, prestar serviços ou orientar o surdo quanto a atendimentos, treinamentos etc.

O cerceamento do indivíduo surdo, no que tange à negação de sua língua, é o maior complicador para a sua construção e reconhecimento como ser humano, pois, como já argumentamos aqui, é por meio da língua que é possível desenvolver a visão de/sobre o mundo. Segundo Vygotsky (1994 *apud* GESSER, 2009, p. 4), é nesse sentido que a linguagem ocupa “um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores”.

Vale mencionar que o modo de expressão “silenciosa” adquirida, assumida e propagada pela cultura surda não se restringe ao uso apenas das mãos para a comunicação, pelo contrário, o corpo todo comunica. Para se expressar de modo eficaz na LS, é importante sim ter conhecimento das configurações de mão, movimentos e pontos de articulação. Mas, para além disso, é imprescindível também que o orador (sujeito que expõe suas ideias e pensamentos) saiba fazer uso das expressões não somente faciais (como, por exemplo, o movimento da boca, das sobrancelhas, dos olhos e de toda a musculatura do rosto), mas também corporais (como a ação, os trejeitos e as posições do corpo). Todos esses movimentos devem variar conforme a necessidade comunicativa, ou seja, são esses recursos que somam e não só auxiliam na composição de sentido, mas também dão ênfase na fala e denotam ainda o grau de expressividade na LS.

Pode-se dizer que todos esses recursos da LS compõem o que é denominado como *palavra/significante* na língua oral. Logo, a pronúncia ou a sinalização não aumentam nem diminuem a compreensão dos indivíduos sobre o mundo, pois é sabido que as ideias preexistem às formas de expressão.

A LS, assim como as demais línguas, está em constante evolução, pois também apresenta variações linguísticas tanto no espaço quanto no tempo. Na nossa proposta lexicográfica tomamos o cuidado de registrar apenas palavras-entrada inseridas no campo da moda, do uso oficial da LS, não contemplando assim gírias ou formas de expressões regionais.

Por meio desta pesquisa visamos introduzir um processo facilitador da comunicação no que diz respeito à moda, à identificação da cultura surda e possibilitar a expressão e a

interpretação da língua. Lembrando que, “(...) no caso dos surdos, que podem estar mais familiarizados com a interpretação de sinais desenhados, os dicionários podem funcionar para a aprendizagem de sinais novos ou para tirar dúvidas (...)” (SOFIATO; REILY, 2014, p.112). Procuramos, portanto, preencher a lacuna atual, já que ainda são quase inexistentes pesquisas voltadas ao estudo lexical das LS com relação ao universo da moda, o que justificaria nossa proposta de pesquisa e seu produto.

Proposta lexicográfica

É válido reafirmar que nesta proposta lexicográfica as fundamentações teóricas se assentam nas ciências da Lexicologia e da Lexicografia. A Lexicologia é a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante, isto é, o léxico em todos os seus aspectos. Dito de outro modo, é o estudo das classificações convencionadas que nomeiam e conceituam nosso meio.

[...] o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema nada mais são do que rótulos, através dos quais o homem interage com seu meio. (BIDERMAN, 2001, p.14)

Quanto à Lexicografia, é a ciência que se volta à reflexão sobre e à elaboração de dicionários. Não se pode negar o fato de que ambas estão intrinsecamente ligadas.

A inclusão dessas ciências à nossa pesquisa se assenta na necessidade de buscarmos realizar o levantamento dos itens lexicais e a posterior elaboração de um vocabulário constituído por verbetes que resultam de um processo reflexivo.

As LS também são passíveis de registro lexicográfico, em que se apresenta em acréscimo, dentro dos verbetes semelhantes àqueles das línguas faladas, a descrição da forma dos sinais. Na próxima seção, apresentamos nossa proposta inovadora, já que, no Brasil, as pesquisas com dicionários de LIBRAS ainda são, como já acenamos, lacunares e carecem de reflexão e produtos (MARTINS, 2012).

No que se refere à moda, vemos que tem uma particular importância aos nossos tempos e, em especial, às línguas. Pois é próprio das línguas apresentarem traços de alteridade lexical, esses processos dinâmicos que proporcionam as modulações, adequações, atualizações e combinações do léxico ao fim comunicativo da língua(gem).

A partir do reconhecimento da LS como a língua natural dos indivíduos surdos e da conceitualização da importância da moda como meio expressivo cultural dos indivíduos, segue a proposta do nosso estudo da LIBRAS, que, conforme já mencionado, objetiva criar um vocabulário ilustrado trilingue de moda português (brasileiro)-italiano-LIBRAS que traga o nome de peças do vestuário feminino e masculino.

Resultados

Com as unidades léxicas recolhidas do campo da moda e que indicam itens básicos do vestuário feminino e masculino, extraídas de Farias e Bezerra (2008), propusemos definições na língua portuguesa. O elemento inédito de nosso vocabulário foi a apresentação das configurações de mão, dos pontos de articulação e dos movimentos que indicam ao indivíduo surdo – ou àquele que queria se comunicar por meio da LIBRAS – como deverá compor os sinais que correspondem aos itens do vestuário. Para embasar as definições das palavras-entrada que elaboramos, recorremos aos dicionários de língua portuguesa iAulete (www.aulete.uol.com.br), Aurélio (FERREIRA, 2010) e *Glossário de termos da Moda* (FARIAS, 2003).


Finalmente, propusemos as traduções em língua italiana dos itens em português, procuramos por imagens na *web* que pudessem ilustrar nossa proposta lexicográfica e de cada palavra-entrada. Tendo em mãos as definições e itens lexicais que se correspondiam para a criação de um produto: o vocabulário ilustrado trilingue de moda português (brasileiro)-italiano-LIBRAS, conforme se vê abaixo:

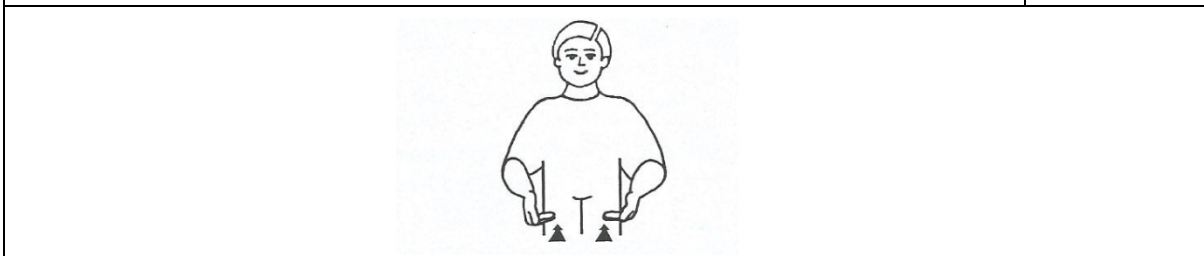
<p>unidade lexical em português (brasileiro) (informação morfossintática abreviada): Definição da entrada em língua portuguesa <u><i>equivalente tradutório em língua italiana</i></u> (descrição do sinal)</p>	<p>imagem ilustrativa</p>
<p>Imagem do sinal</p>	


Incluimos nos verbetes a palavra-entrada, a informação morfossintática de forma abreviada e entre parênteses. Sendo assim, aparece não somente a definição em língua portuguesa, seguindo Capovilla (2009), mas também o equivalente em italiano da lexia

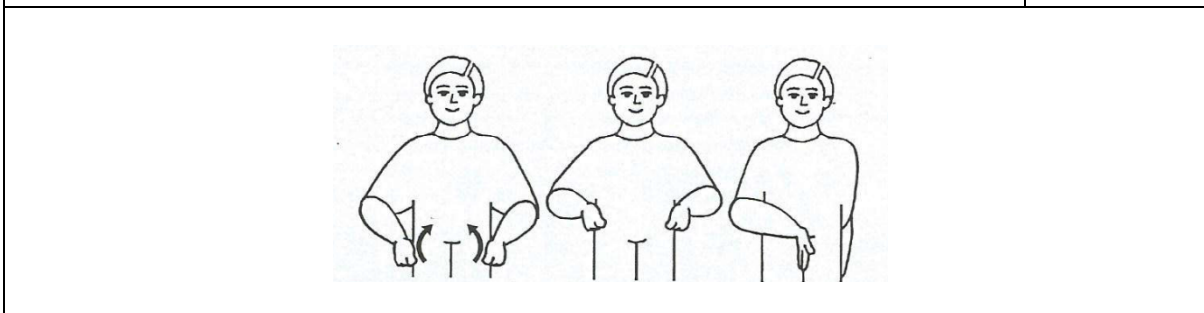
contemplada como entrada. Há imagens do sinal e também a composição quirêmica, ou seja, a descrição de como é representado na LIBRAS, alocada abaixo do correspondente tradutório, entre parênteses. Além disso, incluímos uma imagem ilustrativa para mais rápida e efetiva compreensão ou curiosidade do consultor.

Ilustramos abaixo nossa proposta com alguns verbetes que podem mostrar o produto que idealizamos:

<p>bermuda(s.f.): Peça tipo calção usado por homens e mulheres que vai quase até os joelhos. <u>bermuda</u> Mão verticais, palma a palma, dedos flexionados. Tocar os lados dos mínimos abaixo das coxas.</p>	
---	---



<p>calça(s.f.): Peça que começa na cintura ou logo abaixo dela, dividindo-se por baixo do tronco em duas partes que contornam e cobrem individualmente as pernas mais ou menos até o tornozelo. <u>pantalone</u> Mão em A invertido, palma a palma tocando cada lado do quadril. Movê-las para cima, até a cintura. Em seguida, mão direita vertical aberta, palma para a esquerda, dedos para baixo, colocada entre as coxas.</p>	
--	---



camisa(s.f.):

Peça feita de tecido, com mangas curtas ou compridas até a altura dos quadris.

camicia

Mãos horizontais abertas, palmas para os lados opostos, dedos apontando para trás, lateral dos mínimos tocando os ombros próximo ao pescoço. Movê-las em um pequeno arco para cima e para lados opostos.

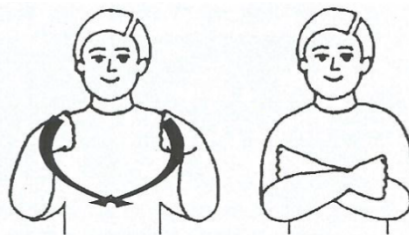


casaco(s.m.):

Agasalho de inverno curto ou comprido e com mangas, feito de tecido grosso, aberto na frente e fechado com botões ou zíper, e que se usa sobre a camisa ou a blusa.

cappotto

Mãos horizontais fechadas, palmas para dentro, tocando o peito, na altura dos ombros. Mover as mãos em um arco para baixo aproximando-as, e cruzá-las pelos pulsos diante do corpo.



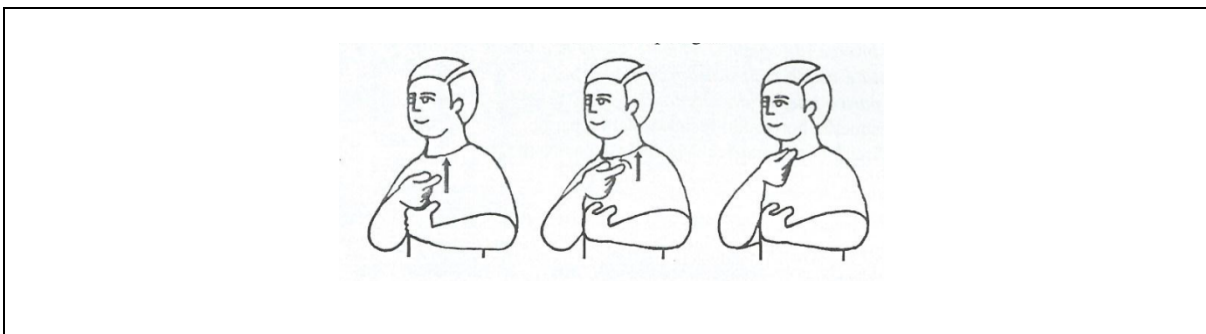
gravata(s.f.):

Ornato que se põe à roda do pescoço (lenço, tira ou pequena manta) formando laço adiante.

cravatta

Mãos horizontais fechadas, palmas para dentro, dedos indicadores e polegares distendidos, tocando o peito. Mão direita acima da esquerda. Mover a mão direita para cima, até o pescoço, unindo o indicador e o polegar.



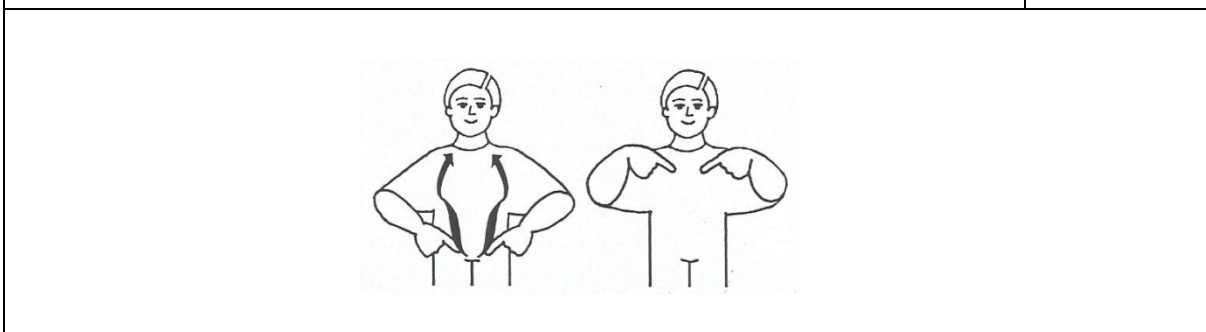


maiô(s.m.):

Peça feita de malha de lã, de látex, de algodão etc. de tecido variados e quase sempre impermeável que se ajusta ao corpo, modelando-o. É usado por mulheres como traje de banho e também por esportistas e dançarinas.

costume da bagno

Mãos em 1, palmas para dentro, indicadores apontando para baixo, tocando a região pélvica. Elevar as mãos sobre o corpo até os ombros, com movimentos ondulatórios.

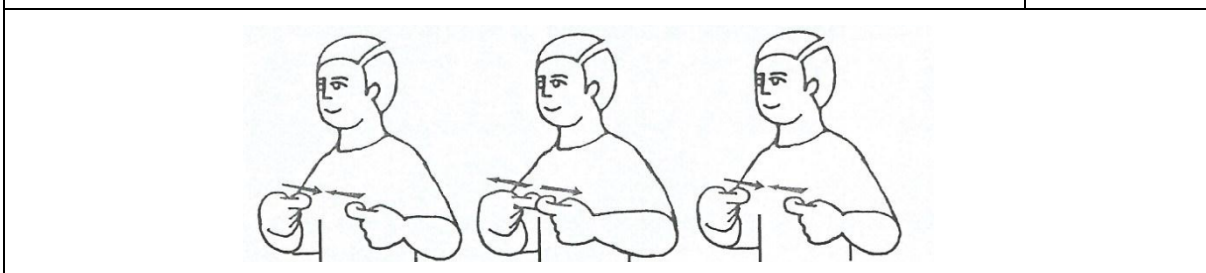



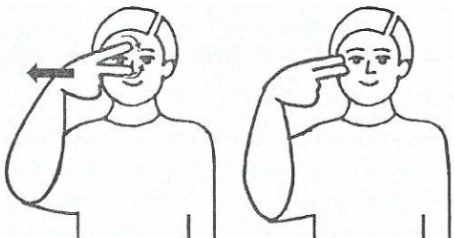
meia(s.f.):

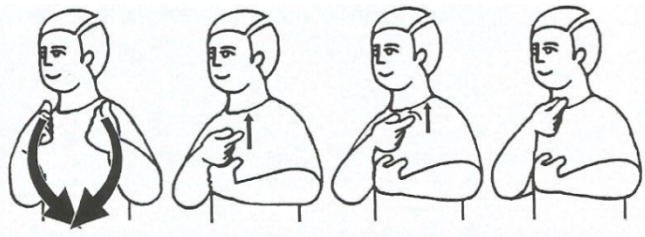

Peça de malha que cobre o pé e parte da perna de algodão, seda, rayon ou nylon.

calza

Mãos em X, palmas para dentro. Tocá-las pelo dorso dos indicadores, duas vezes.



<p>sutiã(s.m.): Peça do vestuário feminino própria para acomodar ou sustentar as mamas <u>reggiseno</u> Mãos em 1, palmas para dentro, indicadores apontando para baixo, tocando a região pélvica. Elevar as mãos sobre o corpo até os ombros, com movimentos ondulatórios.</p>	
	

<p>terno(s.m.): Conjunto de pe calças, todos do <u>completo</u> Fazer o sinal de</p>		<p>olete e</p> 

Considerações finais

Não objetivamos conjecturar vínculos com nenhum tipo de ideologia corrente dos estudos científicos, porém há, sem dúvida, um longo caminho a ser percorrido na área dos estudos sobre as LS, tanto no que se refere à Língua, quanto a Lexicologia e a Lexicografia.

Um dos nossos maiores desafios na elaboração desta pesquisa foi, com certeza, a constatação de que ainda são bastante escassas obras de consulta que abarcam a LS,

especialmente no que diz respeito ao ensino-aprendizagem da língua e a partes específicas do léxico, como o recorte da moda aqui proposto.

Nossa hipótese justificativa para a escassez de material consultivo desse tipo está na conscientização de que ainda é muito recente o marco histórico para a LS no Brasil, dada que a aprovação do decreto nº 5.626, Art. 2º, é somente de 22 de dezembro de 2005: nele “(...) considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”.

Na continuidade de tal decreto há o reconhecimento da LIBRAS como a segunda língua oficial brasileira. Tal informação nos deu impulso maior na justificativa desta pesquisa, pois, por meio dela pode-se defender e reconhecer um povo culturalmente constituído que tem por direito manifestar suas próprias visões do/sobre o mundo.

E, assim como é próprio das línguas orais não serem estáveis, as línguas de modalidade viso-gestual também não poderiam ser. Focalizando nosso objeto de estudo, afirmamos que a LIBRAS, similarmente às demais línguas, sofre mutações temporais, locais e contextuais e, desse modo, está em constante evolução.

Resumindo: as diferenças entre as línguas, fato que tanto impressionou Whorf, não devem interferir no processo cognitivo. É fato incontestado que nossas características biológicas entre as quais se encontra a capacidade de conceptualização e um modo peculiar de categorização são comuns a todos os homens. (BIDERMAN, 1998, p.103)

Esperamos ter atingido os nossos objetivos de, com esta proposta, refletir sobre a LS, assim como apresentar a criação de uma obra de consulta que não é somente de grande valia, mas também pode ser útil como instrumento para o resgate e o reconhecimento da cidadania do indivíduo surdo, possibilitando a comunicação e a interação por meio do recorte proposto.

Referências

AULETE DIGITAL. O dicionário da língua portuguesa na internet. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 18 de novembro de 2014.

BARTHES, R. *Il senso della moda: forme e significati dell'abbigliamento* (Trad. di Lidia Lonzi, G. Marrone, Renzo Guidieri). Torino: Einaudi, 2006.

BENEDETTI, I.C. *Dicionário Martins Fontes: Italiano – Português*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BIDERMAN, C. T. M. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. Araraquara: n.2, p.81-118, 1998.

_____. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAPOVILLA, F. C. et al. *Novo Deit-Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. v. 1 e 2. São Paulo: Edusp, 2009.

CARVALHO, S. Metáfora e Cultura: uma abordagem sócio-cognitiva. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: v. 39: 106-120, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2009. “Catano” com perdão! Disponível em: <<http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=206956>>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

COSTA, E. S.; NASCIMENTO, L. R. S. *Os dicionários virtuais e impressos da língua brasileira de sinais*. In: 8º Encontro Internacional de Formação De Professores - ENFOPE, 2015, Aracaju-SE. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1283>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

FARIAS, E. M. P. *Glossário de termos da moda*. Fortaleza: Ed. UFC/SEBRAC/CE, 2003.

FARIAS, E. M. P.; BEZERRA, T. M. F. *Glossário trilíngue de termos do vestuário*. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0*. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

GALEANO, E. H. *O livro dos abraços*. (Trad. de Eric Nepomuceno). Porto Alegre: L&PM, 2005. Disponível em: <http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/03/O-Livro-dos-Abrac_os-Eduardo-Galeano.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2016.

GESSER, A. *LIBRAS: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOTTINELLI, M. *Le lingue dei segni nel mondo*. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/le-lingue-dei-segni-nel-mondo_\(XXI-Secolo\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/le-lingue-dei-segni-nel-mondo_(XXI-Secolo)/>). Acesso em: 09 out. 2013.

PALOMINO, E. *A moda*. São Paulo: Publifolha, 2010. Série Folha Explica.

MARTINS, A. C. *Lexicografia da língua de sinais brasileira do Rio Grande do Sul*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-15032013-104524/>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

REILY, L. *Escola Inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SOFIATO, C.; REILY, L. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: vol.40, n.1, p.109-126, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/10893612/Dicionariza%C3%A7%C3%A3o_da_l%C3%ADngua_brasileira_de_sinais_estudo_comparativo_iconogr%C3%A1fico_e_lexical>. Acesso em: 5 jul. 2016.

_____. Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico. *Revista de Educação PUC*. Campinas: v.16, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/33>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, p.231-266, 2012.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli 2012: vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2012.

Artigo recebido em: 31/03/2016.

Artigo aceito em: 09/07/2016.

Artigo publicado em: 30/07/2016.